

## RETOMANDO UMA QUESTÃO EPISTEMOLÓGICA E NÃO MORAL: OS IMPONDERÁVEIS DA VIDA REAL

Gisela Macambira Villacorta<sup>1</sup>

“Quando o segundo sol chegar, para realinhar as órbitas dos planetas, derrubando com a *sombra* exemplar, o que os astrônomos diriam se tratar de um outro cometa”. (O Segundo Sol, Cássia Eller).

Sentado à minha escrivaninha, vejo uma água-forte chamada *Crépuscule*, do artista francês contemporâneo Gerard Trignac. É a imagem, rica em *sombras*, de um enorme castelo cercado por um fosso largo sobre o qual se estende maciça ponte. O ponto de vista é o de quem está sob a ponte, e quem observa o quadro pode sentir o imenso peso daquela construção. Atrás de um dos pilares que a sustentam, vislumbra-se a vela branca de um barco iluminada por um raio de luz. De imediato, a gravura faz pensar em Piranesi, embora seja menos dramática que seus trabalhos, mais arrebatada. Apesar de sugerir castelos e torres sombrias, perigos ocultos e o rio da morte, a própria morte, há algo reconfortante no mistério, na aura que do quadro emana. Ao menos, foi o que encontrei nesses tantos anos em que trabalhei sob sua silenciosa vigilância.

Enquanto olho a água-forte de Trignac, penso em *sombras* e meios-tons — as dimensões ensombreadas da existência social e cultural que nós, antropólogos, costumamos encontrar, de um jeito ou de outro, e que tendemos a afastar de nosso trabalho “sério”, como se embaraçados pelo mistério, pelo perigo e pela iminência, a proximidade do que presumimos ser o irracional ou, no mínimo, o efêmero. (Vincent Crapanzano, *Mana* 11(2): 357, 2005)

O meu objetivo neste texto é fazer uma reflexão mais detalhada sobre a situação surgida a partir de minha entrada repentina no campo, onde uma das minhas mais importantes informantes, tão presente nos textos de minha dissertação de mestrado e artigos que escrevi, tendo contraído uma doença rara no pulmão, estava desenganada pelos médicos, que deram a previsão de quarenta e oito horas para que a mesma viesse a falecer.

O falecimento de uma curadora, uma das mais importantes informantes de minha pesquisa em Colares, ou, ainda, a morte de uma exímia curadora que se tornou bastante conhecida, seja pela sua habilidade como xamã, ou pelos seus singulares “rituais e curas neo-xamânicas”, como é vista na cidade de Belém, trouxe à tona para minha pesquisa várias questões que até então estavam “adormecidas” ou “domesticadas”, referentes ao meu trabalho de campo, sobre questões epistemológicas levantadas por Geertz em

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará, Brasil.

relação à natureza do entendimento antropológico, que envolve, entre outras coisas, a relação entre “pesquisador e pesquisado”, o “estar lá” e o “estar aqui”, enfim, a própria construção etnográfica.

Ao lado destas ideias que observei no parágrafo anterior, tomo também como referência para este capítulo, o conceito de “cena” para Crapanzano (2005):

Quer entendamos a realidade suprema em termos de coercitividade, como William James poderia ter feito, quer como resistência, como os fenomenologistas fariam, ou mesmo em termos de convenções (socialmente construídas e aceitas ou aceitáveis), estaremos supondo uma certa constância partilhada, ou pelo menos negociável, a partir de diferentes perspectivas. (Husserl, 1931: 129 - ss.)

Trata-se, em resumo, da realidade de referência primária. Em nosso pressuposto empírico comum ou, se assim preferir o leitor, pragmático, a realidade suprema é despida do fantasioso, daquilo que é temporal ou mesmo espacialmente vinculado ao capricho — esses deslocamentos de atenção que relacionamos a sentimentos, emoções e humores, identificados com o domínio subjetivo e que não passam de elementos decorativos, epifenômenos, ou como diriam alguns, epifenômenos de epifenômenos. Pois é justamente para esses elementos decorativos, para esses epifenômenos, que quero chamar a atenção, pois eles são, a seu próprio e especial modo, uma dimensão significativa e efetiva do mundo em que vivemos, pensamos e agimos.

Não quero, contudo, reduzir a cena ao subjetivo, pois acredito que isso nos desviaria do que considero ser sua base intersubjetiva. Nesse particular, divirjo da concepção usual da fenomenologia centrada na consciência singular ou na intenção e, mesmo, do senso comum. Devo acrescentar, apesar de não poder aqui prosseguir com minha argumentação, que a subjetividade, a despeito de quanto possa parecer minha, é essencialmente intersubjetiva, tanto em um modo mediado pela linguagem, por exemplo, quanto imediatamente, por meio de encontros reais e imaginados com figuras significativas cercadas de sombras. Para mim, ao menos, a cena é aquela aparência, a forma ou refração da situação “objetiva” em que nos encontramos, colorindo-a ou nuançando-a e, com isso, tornando-a diferente daquilo que sabemos que ela é quando nos damos ao trabalho de sobre ela pensar objetivamente. (p. 359)

Para Mariza Peirano (2008), esses “outros sentidos” que estão em jogo no ato da comunicação, e que compõe a “cena” para Crapanzano, Malinowski já havia chamado a atenção:

Termino aqui. Lembro apenas que nossos outros sentidos - o olfato, a visão, a percepção espacial, o tato -, estão todos presentes na comunicação. Eles formam o “contexto da situação”, de que falava Malinowski, ou “a cena”, para usar um termo atual (p. 5).

No tópico “Entre sombras e meio-tons” deste capítulo, descrevo a minha experiência de uma cena singular, onde esses “deslocamentos de atenção que relacionamos a sentimentos, emoções e humores”, como observa Crapanzano, se apresentam de forma enfática.

### **“Os imponderáveis da vida real”: a entrada involuntária no campo**

Antes de ser desagradavelmente surpreendida com a notícia acima, em março de 2006, tendo sido aprovada no doutorado em Ciências Sociais (concentração em Antropologia), na Universidade Federal do Pará, eu iniciava o meu primeiro semestre na pós-graduação, e tudo parecia estar muito bem arrumado na minha cabeça, como no cronograma que eu havia elaborado no projeto de pesquisa, ou seja, primeiramente eu me dedicaria às disciplinas do curso, faria um prévio levantamento bibliográfico e posteriormente partiria para o trabalho de campo. No entanto, a situação muito particular ocorrida, tomando emprestado aqui a conhecida expressão de Malinowski (1978), “os imponderáveis da vida real”, me colocaram no campo involuntariamente. Para que fique claro ao leitor o que pode significar para a minha pesquisa essa “entrada involuntária no campo”, torna-se necessário fazer o breve relato dessa situação inusitada e dolorosa que envolveu “pesquisadora” e “pesquisada” no trabalho de campo.

Na manhã do dia 23 de maio de 2006, terça-feira, ao sentar-me em minha mesa de estudo, recebi o telefonema de uma amiga que me acompanhou durante o trabalho de campo em Colares, me informando que havia encontrado casualmente Gabriel que lhe falou que D. Maria Rosa estava hospitalizada em estado grave no hospital Porto Dias em Belém. A última vez que eu havia falado com D. Maria Rosa tinha sido nesse mesmo hospital, quando foi internada com urgência e os médicos comunicaram aos seus familiares que ela era portadora de uma doença rara no pulmão. Como nesse período eu não estava morando em Belém, passei um tempo apenas recebendo notícias que D. Maria Rosa estava em sua casa, agora usando um pequeno aparelho no nariz que a ajudava a respirar, mas que estava bem, e que de alguma forma ainda continuava fazendo suas atividades com o grupo “Foco de Luz”.

Um pouco surpresa, um pouco confusa, busquei em uma antiga agenda o número do telefone da residência de D. Maria Rosa para saber o que de fato ocorria. Tainá, filha de D. Maria Rosa, foi quem me atendeu, como eu já havia construído uma relação que ia além da pesquisa, não tive dificuldades de entrar diretamente no assunto, Tainá

calmamente foi me relatando sobre o estado de saúde de sua mãe, finalizado que se eu pretendia ainda falar com D. Maria Rosa era melhor “ir logo, pois ela tá com os dias contados”, fiquei alguns segundos em silêncio, e Tainá chamou meu nome para certificar-se que eu ainda estava na linha, com a voz trêmula respondi que a tarde eu estaria indo visitar D. Maria Rosa.

De volta à minha mesa de estudos, entre os textos que seriam discutidos em uma aula que eu teria naquele dia, estava o diário de campo da última pesquisa que eu havia feito em Colares, ele estava junto com a agenda em que eu havia procurado o telefone de D. Maria Rosa, e a confusão só fazia aumentar, e eu me perguntava: é preciso entrar no campo agora? Mas, afinal, eu vou visitar D. Maria Rosa como pesquisadora ou como amiga que não vejo há algum tempo e está com estado de saúde grave? Tomada por uma dose de emoção percebi, com toda aquela confusão de sentimentos, isto é, uma espécie de “luta” entre a busca de uma “objetividade” (científica) e minha “subjetividade”, que de fato eu estava naquele momento não como pesquisadora, mas como amiga angustiada, sem saber como agir. E assim segui acompanhada do meu ex-marido em direção ao hospital Porto Dias, por de baixo de uma chuva torrencial, que nos levou a pegar um táxi.

### **A despedida**

D. Maria Rosa estava no apartamento duzentos e cinco, me identifiquei na portaria e a recepcionista me comunicou que apenas eu poderia entrar, acenei positivamente com a cabeça, entrei no elevador e rapidamente cheguei ao segundo andar. Ao sair do elevador não foi difícil saber qual era o apartamento, pois um pequeno aglomerado de pessoas se formava em frente ao mesmo, também era fácil identificar alguns informantes de Colares, assim como os que faziam parte do grupo de terapia “Foco de Luz”. No primeiro caso, as pessoas me olhavam como se estivessem dizendo que não acreditavam no que estava acontecendo, não houve diálogo falado. No segundo, as pessoas agiam como uma espécie de amortecedores para a entrada no apartamento e, ainda, encarar a morte de D. Maria Rosa não como um fim, mas como “uma passagem para outra vida”, um “início” ou uma “volta” e, mais que tudo isso, “uma ascensão”. Respirei fundo e abri a porta do apartamento.

Ao entrar, a primeira cena que vi foi D. Maria Rosa, bastante debilitada, respirando através de um tubo de oxigênio acoplado na parede próxima a sua cama. Krishna, uma das pessoas que faz parte dos alternativos que frequentam Colares, estava ao seu lado; me aproximei aos poucos, Krishna então falou: “Acabou de chegar uma pessoa que há muito tempo você não vê, é a Gisela, você lembra?” E D. Maria Rosa respondeu com o olhar um pouco distante: “É claro que eu lembro”. Krishna fez um gesto com a mão para que eu chegasse mais perto, cheguei, me posicionando ao lado da cama, peguei na mão de D. Maria Rosa e dei um riso um tanto quanto forçado. Enquanto isso ela pedia um pouco d’água para Krishna, perguntando em seguida se as suas coisas que estavam em cima da mesa tinham sido arrumadas. Fiquei com uma sensação de que ela não me reconhecia, mas por outro lado lembrei que ela sempre dizia: “o dia que eu estiver de partida, não quero choro e nem cara de tristeza, façam uma festa, fiquem alegres, pois eu estarei feliz”. Procurei com esta lembrança relaxar um pouco mais, sentei em uma cadeira que estava próximo de sua cama, e alguns minutos depois D. Maria Rosa observou: “Pode deixar sua bolsa em cima da mesa, fica à vontade, minha filha”. Eu sorri atendendo a sua sugestão e fazendo o comentário que D. Maria Rosa sempre fazia essa observação quando eu chegava em sua casa, e ela sempre questionava o apego que eu tinha com a minha bolsa, sorrimos juntas. Esse foi o momento em que realmente consegui me sentir mais à vontade para chegar perto de D. Maria Rosa. Por consequência da doença no pulmão, D. Maria Rosa tinha dificuldades para respirar e, conseqüentemente, lhe faltava oxigênio. Por conta disso ela tinha momentos de perda de memória, o que fazia muitas vezes com que ela se remetesse ao seu passado, geralmente essas ocasiões ela pensava que estava em Colares ou em sua casa em Belém.

Depois de estar mais à vontade, dirigi-me a D. Maria Rosa com mais tranquilidade, peguei novamente em sua mão, ela agora me olhava nos olhos e serenamente me falou: “Nós todos sabíamos que isso ia acontecer”. Toda essa situação que estava vivendo naquele apartamento de hospital, ao contrario de D. Maria Rosa, a minha memória era ativada a todo o momento, as cenas passavam no meu pensamento como um filme: as palavras ditas por D. Maria Rosa me remeteram a um dos momentos que eu estava no campo (Colares, 1998), em que em uma conversa informal ela me falou muito convicta: “Não devo passar muito dos cinquenta anos, a minha missão está se acabando por aqui”. E completou sorrindo: “Pode escrever no seu caderno de pesquisa”. E foi exatamente que eu fiz. Após essa “entrada” na minha memória, que

durou apenas alguns segundos, D. Maria Rosa perguntou se minha mãe e meu filho estavam bem, ficou alguns instantes pensativa, e fez outra pergunta: “Como você se encontra, como está a sua vida?”. Respondi que tudo caminhava bem, que eu estava fazendo o doutorado, nesse momento chegou uma enfermeira para medir sua pressão, e nós ficamos em silêncio, quando a enfermeira se retirou ela me perguntou: “E o professor Heraldo e sua esposa estão bem? E a tua pesquisa, tá tudo bem?”. Balancei a cabeça positivamente, mas observei que eu estava lá como sua amiga, não era preciso ela se preocupar com isso.

Agora mais adaptada com a situação, eu observava quem estava no apartamento, percebi que lá estava a irmã de D. Maria Rosa, que eu conhecia pelos relatos da mesma, quando enfatizava que a sua família não aceitava o fato de ela ter ido morar em um sítio em Colares e ter deixado para trás um bom emprego e uma vida de conforto; segundo D. Maria Rosa sua irmã não se conformava com esse tipo de vida que ela havia escolhido. Estavam no apartamento mais duas senhoras que eu não sei quem eram. Como não podia ficar muita gente no apartamento, as pessoas se revezavam para outras entrarem, resolvi sair um instante, e no corredor vislumbrei uma sociabilidade intensa, as pessoas que há muito tempo não se falavam conversavam entusiasmadas, trocando informações sobre suas vidas. O estado de D. Maria Rosa era o fio condutor para se falar em doença, saúde e morte, em grande parte o assunto girava em torno dessas três temáticas. A maioria das pessoas que estavam ali eu conhecia: esotéricos, adeptos da igreja messiânica e algumas pessoas de Colares. Desci para comprar um sanduíche natural na lanchonete do hospital, Krishna me falou que D. Maria Rosa, mesmo com muita dificuldade, ainda apreciava um sanduíche natural. Dei um bom tempo na lanchonete, com o objetivo de retornar quando houvesse menos pessoas para visitar D. Maria Rosa. Quando voltei, o corredor era ocupado apenas por Krishna e Oriel (seu esposo), eles me informaram que Davi (filho de D. Maria Rosa) havia chegado. Krishna passou a me relatar como estava sendo difícil enfrentar a “partida” de D. Maria Rosa, mas que ela tinha que entender “que tinha chegado a hora da partida”. Passou então a me relatar como esse último ano foi difícil para D. Maria Rosa, a maioria das pessoas que faziam terapia com ela haviam desaparecido, já que ela estava impossibilitada de “atender” seus pacientes, pois a mesma só fazia esporadicamente o “foco de luz” com os amigos mais próximos. E Oriel completou dizendo: “Na verdade, como você sabe, Maria Rosa vivia de doações, e como ela não atende mais, as pessoas sumiram. É lógico que a família dela tá ajudando, mas tu sabes que Maria Rosa sempre lutou e foi muito

independente né? Ficar dependente de repente...”. Resolvemos entrar no apartamento, cumprimentei Davi. D. Maria Rosa me olhou e falou, de forma carinhosa, como ela costumava me tratar: “Oh, meu amor, pensei que você tivesse ido embora”. Respondi sorrindo que tinha trazido um sanduíche natural, ela sorriu e afirmou: “Ah, vou provar agora”. Então Davi a segurava pelo braço, procurando uma posição melhor para sua mãe comer, enquanto isso eu suspendia rapidamente o aparelho de oxigênio para Krishna colocar pequenos pedaços do sanduíche em sua boca. E assim, com muita dificuldade, D. Maria Rosa tentava saborear o sanduíche. Despedi-me de D. Maria Rosa pegando na sua mão e dizendo que voltaria na quinta-feira, Krishna me acompanhou até a porta e observou que daria um tempo de pelo menos um dia, pois precisava “recarregar as energias”, e que eu fizesse o possível para estar lá. Respondi que eu viria.

Na quinta-feira, 25 de maio, exatamente às 17h, eu chegava para visitar D. Maria Rosa, me identifiquei na recepção e a recepcionista abriu uma agenda, observando que havia uma lista disponibilizada pela família da paciente, pois agora só algumas pessoas estariam autorizadas para subir. Finalmente o meu nome foi identificado.

Não havia ninguém no corredor, bati na porta e a irmã de D. Maria Rosa (Rita de Cássia) me atendeu, falei meu nome e ela sorriu educadamente, permitindo que eu entrasse. Cumprimentei as pessoas que lá estavam, duas amigas de Rita de Cássia e uma espécie de “irmã de criação” de D. Maria Rosa, como fui informada posteriormente. Na realidade naquele momento só estavam presentes pessoas que eu não conhecia, ou seja, parte da família e amigas próximas da irmã de D. Maria Rosa, o que me deixava um pouco sem saber como agir, e eu me perguntava: será que Rita de Cássia sabe quem sou eu? Ou, ainda, que sou antropóloga e fiz pesquisa sobre D. Maria Rosa em Colares? E, mais, se soubessem quem sou, estariam pensando que eu estava lá como pesquisadora ou uma amiga? Em meio a todos esses questionamentos, voltei minha atenção para D. Maria Rosa, ela parecia dormir, mas de repente começou a ficar agitada, a falar coisas um pouco desconexas, sua irmã observou que ela havia piorado, passou a noite com febre alta. Resolvi sair do apartamento e ficar no corredor por alguns minutos.

Quando retornei todos estavam ao redor da cama formando um círculo, percebi que eles iniciavam uma oração, Rita de Cássia estava com um terço na mão, no exato momento que eu entrei, D. Maria Rosa com os olhos fechados falou em um tom de autoridade, como costumava fazer quando achava necessário: “Por favor não quero que façam círculo ao redor de mim, saiam, saiam por favor”. Rapidamente o círculo foi desfeito, pensei em sair novamente, talvez D. Maria Rosa quisesse ficar só, mas

continuei encostada na porta, foi então que sua irmã de criação falou: “Tem uma amiga sua que veio ti vê”. E ela perguntou em seguida, ainda com os olhos fechados: “Quem é?”. Rita de Cássia indagou o meu nome e a informou, e D. Maria Rosa respondeu enfaticamente: “Ah, ela pode deixar, pode vir, venha”. Fiquei ao seu lado e peguei na sua mão, e ela novamente fez uma observação enfática: “Ela sabe do ritual, ela escreveu um livro, e agora vai escrever outro, mas não é agora, é mais tarde”. Todos nesse momento deram um riso sem graça, com um ar de tristeza muito nítido.

Rita de Cássia com as amigas estavam sentadas em um sofá, a irmã de criação de D. Maria Rosa (Conceição) estava ao meu lado e falou sem muita reserva que “ela está variando, dizendo coisas confusas”. D. Maria Rosa observou de forma serena e segura, como costumava ser: “Não estou variando não”, e abriu os olhos e me olhou e sorriu. Respondi com um sorriso e completei o seu raciocínio falando que ela estava se referindo à minha dissertação de mestrado, que eu já havia concluído, e à tese de doutorado que estarei fazendo futuramente. Parece que a partir daí me tornei menos estranha para as irmãs de D. Maria Rosa. Rita de Cássia em seguida perguntou: “Ah, não foi você que lançou um livro com um professor da universidade... é... sobre uma pesquisa em Colares que tem foto da Maria Rosa?”. Confirmei sua pergunta. Após um breve silêncio, D. Maria Rosa, com muita dificuldade para respirar e a voz nitidamente cansada, me deu a mão e me fez o seguinte relato:

Eu sempre pedi que nesse momento eu não queria vocês me olhando com tristeza, nesse momento. Nós todos sabíamos que isso ia acontecer, num outro plano estão à minha espera, a minha outra casa não é luxuosa, mas é muito bonita, bem grande, avarandada, com muitas flores, lá só moram mulheres. Mas... eu já terminei a minha missão...você não...você é que vai registrar tudo... até o fim, faça mais por Colares...você tem que mostrar sua pesquisa lá, eles fazem parte dessa história que você registrou.

Nesse momento seu Dirceu (ex-marido de D. Maria Rosa, com quem teve um casal de filhos) entrou no apartamento acompanhado de sua mãe, ele me cumprimentou com um abraço, observando que “Estávamos à sua espera”. Seu Dirceu é uma pessoa muito extrovertida, amante da leitura, é conhecedor de livros da ciência e literatura. E, de forma bastante performática e jocosa, falou para Rita de Cássia: “Você sabe que estamos recebendo uma visita nobre? É, esta é a nossa antropóloga, não é mais aquele perfil naturalista de séculos passados, é uma antropóloga moderna, com a seguinte ressalva, é também uma matinta moderna, segundo os colarenses”. Todas essas



observações tornaram o ambiente bem descontraído, e Rita de Cássia me perguntou se tinha como eu conseguir o livro que tem a foto de D. Maria Rosa, observando que “O que você deu para Maria Rosa ela emprestou não sei pra quem e nunca mais devolveram”. Seu Dirceu também se queixou de não ter o livro e me fez o mesmo pedido, observando, como D. Maria Rosa, que era minha missão continuar “esse registro, e aquilo tudo que nós vivemos, inclusive você, não existe mais lá em Colares, só estão nos seus escritos, minha querida, e como será Colares sem D. Maria Rosa?”.

Rita de Cássia me chamou em particular e me fez o seguinte comentário em tom de desabafo: “Eu tive muita dificuldade de aceitar a vida que Maria Rosa escolheu pra ela, mas é porque eu nunca entendi, mas quando você trouxe o livro eu vou ler sobre tudo que ela viveu lá em Colares”. Despedi-me de todos, peguei na mão de D. Maria Rosa e dei um beijo no seu rosto, observando que eu voltaria no sábado, e que ficasse tranquila, que eu atenderia o seu pedido.

No dia 27 de maio, sábado, às 16h, eu chegava ao hospital para mais uma visita a D. Maria Rosa. Encontrei Oriel no elevador, não havia ninguém no corredor, como das outras vezes, no apartamento estavam apenas Rita de Cássia e Conceição, D. Maria Rosa parecia estar dormindo. A primeira coisa que fiz foi entregar a Rita de Cássia o livro que ela havia me pedido. Sorrindo ela leu o título em voz alta: “Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados”.

D. Maria Rosa começou a ficar agitada, já fazia uma meia hora que eu estava lá e D. Maria Rosa não abria os olhos, respirava com muita dificuldade, as mãos e os pés estavam bastante inchados. Rita de Cássia nos falou que seu estado havia se agravado consideravelmente, pois o quadro da pneumonia e da diabete tinha piorado, os médicos estavam conseguindo controlar apenas a febre.

### **Entre “sombras e meio-tons”**

Mais ou menos uma hora após a nossa chegada foi que D. Maria Rosa abriu os olhos, respirando com bastante dificuldade. Olhou em minha direção e de Oriel, parecia tentar nos reconhecer. Rita de Cássia e Conceição conversavam em voz baixa sentadas no sofá, eu e Oriel estávamos em pé próximos à cama de D. Maria Rosa, uma vez ou outra ela falava como se estivesse em Colares, isto é, ela trocava nossos nomes com o de pessoas com quem conviveu muito tempo naquela ilha, chamava também os nomes dos filhos e do ex-marido.

Um silêncio tomava conta do local, eu tentava entender o olhar de todos, inclusive o de D. Maria Rosa, que sutilmente ignorava a atmosfera daquele quarto, um espaço que estava repleto de sentimentos tão fortes: a dor da perda, a lembrança, a saudade... Eu particularmente clamava por uma explicação: Por que D. Maria Rosa? E por que daquela forma? E por que tudo acontecia agora, exatamente dois meses depois que eu havia entrado no doutorado? E por que cabia a mim registrar esses últimos momentos?.. lembrei dos Azande, e me debrucei a pensar nas discussões de Evans-Pritchard (2005), quando chamava a atenção para as dificuldades do nosso sistema de explicação em apreender a “segunda lança”: qual a causa do celeiro cair em cima das pessoas que estavam justamente naquele hora sentadas embaixo dele?, pois se já estava desgastado pelos cupins poderia ter caído em qualquer outro momento. Na lógica dos Azande, as nossas ideias sobre as causas naturais não conseguem explicar tudo... E a sequência do raciocínio, ou melhor dizendo, da tradução de Pritchard, não parava de me vir à mente, um Zande perguntaria: por que caiu em cima daquelas pessoas específicas?, enquanto nós nos contentaríamos com a explicação do desgaste pelos cupins. Esses pensamentos vinham em uma velocidade estonteante... O silêncio no quarto foi quebrado de repente por D. Maria Rosa que começou a cantar com a voz bem baixa, e aos poucos foi aumentando. Depois de alguns minutos eu e Oriel conseguimos identificar a música, tratava-se de uma “doutrina” da pajelança cabocla, não chegando a terminá-la ela passou para outra, agora uma da umbanda e, por último, cantou uma música esotérica que falava sobre a “Nova Era”, esta mais identificada por Oriel, apenas ouvi a palavra “Nova Era”, “energias” e “sacerdotisas”, o que me levou a pensar que poderia ser uma música esotérica. Mas as músicas eram cantadas com muita dificuldade, entre tosses e respirações profundas, D. Maria Rosa fazia um grande esforço. Eu olhava para Oriel como quem perguntasse: “O que está acontecendo?”. Oriel estava confiante de que se tratava das “entidades” de D. Maria Rosa. Por outro lado, Rita de Cássia e Conceição tentavam disfarçar, ignorando as “doutrinas”, com comentários do tipo: “Hoje tá muito quente né?, apesar de estarmos no ar condicionado.

...passam-se alguns segundos e Oriel me chamou para ver o sol que estava se pondo. Nos posicionamos em frente a cama de D. Maria Rosa, encostados na parede, ao lado da única janela que havia no quarto... D. Maria Rosa continuava a cantar... do ângulo que eu e Oriel nos encontrávamos, aos poucos se formava uma imagem singular...através da janela peliculada a luminosidade do sol entrava de forma amena, emitindo feixes de luzes violeta, provocadas pela película que protegia a entrada maciça

da claridade do sol... aquela imagem, mais particularmente “os feixes de luzes violeta”, ativaram a minha memória e me fizeram lembrar D. Maria Rosa em certos rituais cantando “chama violeta, chama violeta, chama violeta”, repetindo incansavelmente, como um mantra, pois um dos elementos incorporado na sua bricolagem era a “chama violeta”. Oriel me olhou dando entender que aquela imagem também o fez lembrar da “chama violeta”. Para Oriel todos esses elementos, juntos com as “doutrinas” cantadas com dificuldade por D. Maria Rosa, eram interpretados como o primeiro momento de partida da mesma. Segundo ele, ela não estava mais entre nós, apenas as “entidades” tomavam conta de seu corpo e a preparavam para a “partida final”. Aproximei-me de D. Maria Rosa várias vezes nos momentos em que ela abria os olhos e parecia tentar se situar no tempo e no espaço, com a esperança que ela me reconhecesse, mas realmente ela parecia não estar mais “neste mundo”. Creio que a sua memória estava quase cem por cento comprometida, e por isso se situava muito mais nas experiências que havia vivido, ou seja, no passado, do que na experiência que estava vivendo no presente, motivo pelo qual cantou as “doutrinas”, ou seja, a sua memória trazia à tona, entre outras experiências que havia vivido, uma das que estavam no centro do seu cotidiano, a experiência espiritual, que, segundo Lewis (1977), das três “pedras de toque” da religião, seria a maior de todas.

D. Maria parou de cantar, o silêncio retornou, ela era o centro de nossa atenção, estávamos atentos a qualquer movimento seu, pois estávamos em alerta, afinal, ela estava no quarto e não no CTI, para se “despedir” de todos nós... O sol dava os últimos sinais de seus raios, mas “os feixes de luzes violetas” pareciam ter se fixado sutilmente naquele espaço... D. Maria Rosa abre os olhos, resolvo me aproximar, ela me olha fazendo questão de mostrar que sabia que era eu que estava ali a sua frente. Atropelada pela tosse, ela me falou com dificuldades: “Você vai conseguir. vai escrever, estaremos olhando por você, lá, na casa de madeira, das sacerdotisas”. As suas palavras me confortavam, porém, mais do que as palavras, me acalmava o semblante de D. Maria Rosa, que mesmo naquele estado, deixava transparecer no seu olhar uma espécie de leveza, um ar de “missão cumprida” e a nítida certeza de que ela não estava morrendo, mas sim, como ela mesma dizia, “transcendendo, transmutando”. A partir deste momento D. Maria Rosa não verbalizava mais uma palavra, somente o seu olhar acompanhava lentamente nossos movimentos. O silêncio no quarto voltava a se fazer presente, mas todos ali pareciam calmos, como se tivéssemos sido atingidos por aquela calma que sutilmente fluía do semblante de D. Maria Rosa. O ambiente parecia estar

mesmo tomado pela idéia de “transmutação” da “chama violeta”, e ainda que eu tivesse a noção de que “... através da janela peliculada a luminosidade do sol entrava de forma amena, emitindo feixes de luzes violeta, provocadas pela película que protegia a entrada maciça da claridade do sol”, como descrevo no parágrafo anterior, toda esta situação me transmitia sensações que me lembravam a primeira vez que tomei o chá da ayahuasca em um ritual do Santo Daime, em que eu me sentia leve como uma pena, após a “borracheira” (vomitar), e uma tranquilidade tomava conta dos meus sentimentos, e tudo que eu olhava tinha um brilho muito especial

Entre “sombras e meio-tons”, é o título que dei a esta minha “experiência de cena”, vivida durante “a minha entrada involuntária no campo”. Para Crapanzano (2005) “Cena” seria a “refração da situação subjetiva” colorida, revestida de elementos decorativos, com cores e nuances variadas. Este autor enfatiza que cena não é a pura subjetivação, ela é a possibilidade de se enxergar os horizontes imaginários, um passo além, uma possibilidade de se avançar para além do olhar comum. A cena não é nem o real nem o ideal de um grupo, ela está “entre”, ela é o horizonte imaginário. A cena está além da compreensão rotineira na medida em que é uma interlocução entre o real e o ideal, as coisas se confundem, pois se encontram no plano da ambiguidade, o que ele chama de “cena como dupla voz” e “dupla visão”. Porém a cena não é um elemento de irracionalidade, e sim a relação entre dois mundos, ela revela o momento experiencial. Em seu artigo, Crapanzano descreve várias experiências de “cena” que ele próprio viveu:

Ontem, uma de minhas alunas, que está nas últimas etapas de seu trabalho de campo, veio à minha sala. Insegura sobre a possibilidade de ter terminado — ‘Não fiz todas as entrevistas de que precisava’ — e confrontada pelo volume de material desordenado e ainda não assimilado que coletou, estava exausta e confusa. Seus olhos, comumente brilhantes e vivazes, estavam baços e furtivos. Lembro-me de como fiquei chocada na primeira vez em que a vi assim. Foi logo antes de suas provas orais. Como naquela época, ela trouxe ontem para minha sala uma atmosfera sombria tão intensa — escuridão seria uma palavra forte demais — que cheguei a olhar para cima para ver se a luz das lâmpadas havia diminuído. Não havia. Então, alguns minutos mais tarde, depois de falar sobre suas dúvidas, seus olhos acenderam-se subitamente quando ela apresentou um papel em que havia feito anotações confusas sobre suas ideias. Esse movimento foi tão abrupto tão espontâneo, tão repleto de alívio — como se ela tivesse, de repente, se lembrado do que havia esquecido por tanto tempo — que minha sala se iluminou. Senti que a luz azulada das lâmpadas fluorescentes ganhara um brilho amarelo, como se fosse incandescente. Conseguimos falar sem dificuldade sobre a pesquisa e, enquanto conversávamos, minha sala, a iluminação, mesmo seu rosto, seus olhos ganharam leveza... No final de nosso encontro, contei-lhe sobre minha noção de cena e minha reação à ansiedade e ao alívio dela. Ela reconheceu que também havia sentido a mudança no “ambiente da sala”. Devo acrescentar que esta aluna tem um espírito

independente e não esconde seu ceticismo em relação à minha concepção de antropologia. Não há, de fato, nada particularmente extraordinário sobre a minha — a nossa — experiência. Todos vivenciamos mudanças desse tipo, que associamos pessoalmente a mudanças no humor ou, coletivamente, a mudanças na atmosfera. Elas são frequentemente descritas em obras literárias. (p. 358 - 359).

O conceito de “cena” me trouxe a possibilidade de trazer ao leitor uma descrição mais “densa”, nos termos de Geertz, do que foi este momento que vivi no quarto de um hospital, aonde eu atuava como pesquisadora e amiga de uma xamã, que estava nos seus últimos momentos de vida. Desse modo, silêncios, olhares e sentimentos, eram elementos que diziam muito mais do que a própria fala. Volto a narrar agora, o desfecho deste dia.

Já havia anoitecido quando seu Dirceu, juntamente com a sua mãe e seu filho, chegou. Todos nós nos cumprimentamos, e Dirceu foi direto ao livro (*Encantaria Brasileira*), que eu havia trazido para Rita de Cássia, e enfatizou o pedido que tinha me feito na quinta-feira, com o com comentários do tipo “Eu também tenho direito a um exemplar, viu? Afinal de contas o meu nome está lá”. Nesse momento chegou um amigo de D. Maria Rosa, Marcus Ibrain, um frequentador do “Foco de Luz” e dos rituais realizados por ela em seu sítio, tendo sido este comprado por ele. Logo depois chegou D. Aparecida, mãe de D. Maria Rosa, com mais outros parentes da família, pois pela previsão dos médicos talvez ela não passasse dessa noite, já que a primeira previsão era de quarenta e oito horas após ela ter dado entrada na emergência do hospital, e os médicos diziam não entender como ela ainda se mantinha viva. A partir das vinte e uma horas, D. Maria entrava em um pré-coma, não abria os olhos nem se comunicava mais. Para Oriel e Krisna, D. Maria Rosa ainda não havia “ascendido” devido “A não aceitação das pessoas aqui na terra da sua partida, isso acontece porque as pessoas não têm consciência que ela vai ascender e não morrer”. A família de certa forma compartilhava dessa ideia, pois não havia uma explicação dos médicos do porquê de D. Maria Rosa ainda estar viva.

O relógio marcava vinte e duas horas quando me despedi de todos. Dirceu lembrou mais uma vez: “Vou aguardar o livro, Gisela, mas o meu exemplar eu quero com dedicatória sua e do professor Maués, ok?”. Em seguida Marcus Ibrain me perguntou o local que ele poderia comprar o livro, respondi que assim que chegassem meus exemplares eu reservaria o dele.

## A partida

“... O silêncio... sempre o silêncio a me rondar...”

(Diário de Campo, 30/05/2006, 06h50min).

Às 6:15 da manhã do dia 30 de maio acordo com o meu celular tocando, na realidade, eu já sabia que ele anunciava algo importante, como pude confirmar ao ver que a chamada não atendida era de Tainá, filha de D. Maria Rosa. Logo em seguida retornei a ligação, Tainá me atendeu respirando fundo, e controlando o choro confirmou o que eu suspeitava, numa frase curta: “Ela se foi”. A primeira sensação que tive era de que eu havia construído uma imagem de D. Maria Rosa como uma personagem de um livro, que a qualquer momento você pode abrir e ela vai estar lá, por isso, ouvir que “ela se foi”, soava a mim como uma impossibilidade, era como se isso de fato não estivesse acontecendo. Calmamente perguntei a Tainá qual o local do velório, ela me respondeu que era sua tia que estaria cuidando disso, ressaltando que D. Maria Rosa tinha falecido há quinze minutos atrás, mas que ela, seu Dirceu e Davi estavam no necrotério do hospital. Falei que eu estaria indo até lá, nos despedimos um pouco confusas com toda a situação. Logo em seguida meu celular tocou novamente, era Krisna, que, ao contrário de mim e Tainá, chorava muito e repetia várias vezes que ela e D. Maria Rosa se conheciam desde a adolescência, e que ela havia lhe ajudado muito “na saúde, na vida, em tudo”. Não sabendo muito como agir, falei que eu estava indo ao necrotério, e ela respondeu: “É, nós temos que ir pra lá”. E foi o que fizemos.

Já eram oito horas quando cheguei ao necrotério do hospital Porto Dias, o mesmo se localiza no primeiro andar, estavam no corredor Krisna e Francisco, um grande amigo de D. Maria Rosa, natural de Colares, que há uns seis anos reside em Belém.. Krisna me abraçou, dizendo: “Como ela pediu, eu tô tentando aceitar que ela se foi e controlando o choro, a saudade”. Em seguida, Francisco se aproximou e com o olhar triste brincou com uma frase que de D. Maria Rosa sempre dizia sorrindo, inspirada em uma das expressões jocosas dos colarenses ao se referirem a algo que acabou ou a alguém que partiu: “... E agora tudo virou lenda”. E, logo depois Krisna completou com a seguinte afirmação: “E és tu que vai registrar essa lenda”. Observei que a minha intenção não era a de viver essa situação como pesquisadora, mas sim como amiga. Seu Dirceu saiu do necrotério e estava um pouco atrás de nós, mas nós não havíamos percebido, e ele me questiona com a seguinte pergunta, demonstrando que havia

escutado nossa conversa: “Antropólogos não podem se tornar amigos das pessoas que pesquisam, ou não pesquisam amigos?”. Confesso que foi difícil dar uma resposta tão rápida e exata como o seu questionamento, pois sabia que estava lidando com uma pessoa que tinha certa leitura das Ciências Humanas, inclusive de alguns trabalhos sobre antropologia. Por outro lado, esse era meu grande “drama”, ou seja, afinal, seria errado tornar-se amiga(o) de um informante? E no que isso poderia interferir na coleta e análise dos dados? Ou seria, como bem observou Geertz (1998), uma questão epistemológica e não moral?. De qualquer forma, observei ao seu Dirceu que a resposta para suas perguntas era muito complexa para ser dada naquele momento, mas que eu atenderia ao pedido de D. Maria Rosa e sua família. Seu Dirceu sorriu me dando entender que compreendia que essa situação era delicada.

Tainá tinha ido a sua casa buscar o livro de “meditações”, utilizado por D. Maria Rosa no “Foco de Luz”, para se fazer um pequeno ritual e consolidar a “partida de D. Maria Rosa para outro plano”, aguardávamos apenas a chegada de Oriel. Enquanto isso, conversávamos conformados no corredor. Seu Dirceu me perguntou se eu não iria entrar para ver “o corpo de D. Maria Rosa”, respondi que ainda não estava preparada, e ele retrucou que “ali só tá a matéria”, e eu observei que era justamente por isso. Finalmente, Oriel chegou e “o pequeno ritual” foi iniciado”.

### **Partindo na “Chama Rosa do Amor”: Um rito de passagem “fechado”**

O ritual ocorreu com a participação de seis pessoas: Seu Dirceu, Tainá, Krisna, Davi, Francisco e eu, ou melhor, a pesquisadora e amiga. O necrotério era um pequeno quarto com ar condicionado, bem diferente dos rituais de pajelança cabocla que eu participava em Colares, no final da noite, em casas de madeira ou, no caso de D. Maria Rosa, em seu sítio. No local havia apenas duas cadeiras e uma espécie de cama ocupada por D. Maria Rosa, que parecia dormir tranquilamente. Todos se posicionaram formando um círculo ao redor da cama em que estava D. Maria Rosa. Tainá era quem conduzia o ritual, e com o “livro de meditação” nas mãos, falou serenamente que sua mãe “se foi exatamente às seis da manhã, no terceiro raio, na chama rosa do amor”. E Oriel completou dizendo que “o nome iniciático de Maria Rosa no esoterismo, nesse universo da Nova Era, é Rosa Azul, e ela partiu na chama rosa, e agora nós vamos fechar este ciclo de nossa irmã, em que ela passará para outro plano”. Em seguida Tainá retomou a condução do ritual, fazendo a leitura da “meditação” do “terceiro raio, da

chama rosa do amor”, escutávamos tudo em silêncio e sutilmente lágrimas escorriam pelas nossa faces. Quando Tainá leu a última frase, não conseguiu mais controlar o choro e contagiou todos nós com sua emoção, nos demos as mãos e o ritual foi encerrado, pois um dos pedidos mais enfatizados por D. Maria Rosa era de que não chorássemos ao seu redor.

### **O Velório: um rito de passagem “aberto”**

Às 15 horas eu chegava à capela Santo Antônio de Lisboa, situada na Rua dos Tamoios, no bairro de Batista Campos (um dos mais tradicionais e importantes de Belém), local onde estava ocorrendo o velório de D. Maria Rosa. Vários carros ocupavam a calçada, muitas pessoas estavam do lado de fora, esperando uma oportunidade para entrar, já que lá dentro estava uma multidão tentando se organizar e fazendo uma fila indiana para “ver o corpo de D. Maria Rosa pela última vez”.

Fui caminhando em passos lentos e confusos para entrar na capela, no caminho, pessoas de Colares que foram meus informantes me paravam, e com o olhar desolado me olhavam e me abraçavam em silêncio, da mesma forma faziam os alternativos, que eu também encontrava lá. Quando entrei na capela, Krisna veio em minha direção e me levou até ao caixão, onde pude observar o corpo de D. Maria Rosa coberto de flores nas cores violeta e azul, a primeira cor, segundo os esotéricos, na cromoterapia, significa “a transmutação”, isto é, transformação, significando naquele momento a “passagem de D. Maria Rosa para outro plano”. A cor azul pode ter vários significados, como, por exemplo, acalmar as pessoas ansiosas e nervosas, entretanto, nesta situação que estou descrevendo, a mesma se relaciona com a iniciação de D. Maria Rosa nas “ciências esotéricas”.

Um padre chegou às 16 horas, expressou algumas palavras de conforto e rezou um Pai Nosso e Ave Maria e, em seguida, Oriel pediu a palavra e leu um poema que havia feito para D. Maria Rosa, outras pessoas do “Foco de Luz” pediram para se expressar, ficando bem demarcada a presença dos esotéricos no velório. Fui cumprimentar a mãe de D. Maria Rosa que se encontrava ao lado do caixão, de estatura mediana e corpo magro, ela passava uma postura de equilíbrio, ao contrario de Rita de Cássia, que chorava inconformada. Os filhos de D. Maria Rosa e seu ex-marido ficaram a maior parte do velório lá fora, mas agora abraçados observavam com o olhar de saudade, seu



corpo coberto de flores e seu rosto pálido, sem nenhuma expressão. O encerramento do velório se deu às 16:45h, as pessoas então se organizavam para se dirigir ao enterro.

O enterro aconteceu às 17:30, por baixo de uma chuva que completava o cenário de nostalgia em que todos se encontravam. O momento mais delicado foi na despedida final, em que o caixão foi fechado e as pessoas jogaram flores violetas e azuis até a areia que os coveiros jogavam fazer o mesmo sumir. Enquanto isso acontecia, uma música de Milton Nascimento, bastante conhecida, foi cantada: “Amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito, dentro do coração...”; e, em seguida uma outra canção do mesmo autor: “... mas é preciso ter força, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre, uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta, Maria, Maria...”. Ainda que muitos tentassem atender ao pedido de D. Maria Rosa, de não chorar com o seu falecimento, naquele momento a promessa foi quebrada por todos. Me despedi dos filhos e da irmã de D. Maria Rosa, Rita de Cássia, e ela observou: “Caso você precise de alguma coisa na pesquisa, pode me procurar”. Quando fui me despedir das pessoas de Colares, algumas delas fizeram observações semelhantes como: “Leva o livro da pesquisa pra gente em Colares, pra gente lembrar dela”.

Caminhando pela na rua eu rememorava sobre tudo que havia acontecido durante esses dias, principalmente o pedido feito por D. Maria Rosa, e de certa forma de pessoas de sua família. Por outro lado, me chamava a atenção uma observação feita por seu Dirceu: “... e aquilo tudo que nós vivemos, inclusive você, não existe mais lá em Colares, só estão nos seus escritos, minha querida, e como será Colares sem D. Maria Rosa?”. Era perceptível o interesse muito maior das pessoas pelo livro, após a morte de D. Maria Rosa. Pensei comigo mesma: “fixei o dito”, e a vida por “lá” e por “aqui” continua.

## **“Fixei o dito” e a vida por “lá” e por “aqui” continua...” E agora, “tudo virou lenda”**

O trocadilho de palavras que fiz no final do parágrafo anterior, e que transformei no título deste tópico, trata-se na realidade de uma combinação de importantes ideias discutidas por Geertz em dois livros seus, isto é, *A Interpretação das Culturas* (1989) e *Obras e Vidas: O antropólogo como autor* (2002). No primeiro caso estou me inspirando na sua observação sobre o exercício da etnografia no campo, quando o autor diz que o etnógrafo anota o discurso social, ou melhor, que este deve “fixar o dito” em seus textos. No segundo, estou me referindo às suas considerações sobre o ato de tradução, que envolve a interpretação de uma cultura, e mais, a compreensão de uma cultura “lá” onde ela está e “aqui” onde o antropólogo irá interpretá-la para seus pares.

Assim como o título deste tópico necessitou de uma justificativa, creio que ocorre o mesmo com o seu subtítulo. Neste sentido, a frase “e agora tudo virou lenda”, está relacionada a uma expressão recorrente entre os colarenses, como observei anteriormente, ao se referirem a algo que acabou ou alguém que partiu. Tal frase foi a primeira coisa que me disse um colarense, Francisco, ao me ver no necrotério, algumas horas depois do falecimento de D. Maria Rosa. Porém, neste contexto, a frase parecia também expressar a expectativa, ou certa pressão, de algumas pessoas que foram informantes na primeira etapa da pesquisa, para que eu “registrasse” os últimos momentos de vida de D. Maria Rosa. Por outro lado, havia também a expectativa destes, de terem acesso ao que escrevi nesta primeira etapa, sendo que o que tinha sido escrito no “livro”, merecia mais destaque.

A questão que me coloco, é justamente sobre o “anotar” e o “fixar o dito”, pois como observa Geertz (1989):

O etnógrafo “inscreve” o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente. (: 29).

Estas atividades dos etnógrafos foram pensadas por mim como pesquisadora, até então, como uma preocupação muito mais voltada para os meus pares, isto é, como seriam avaliadas pelo orientador, por uma banca examinadora, enfim, com o objetivo de

“tentar salvar o dito”, para que outros pesquisadores pudessem consultá-lo novamente. Apesar de considerar importante toda uma discussão epistemológica feita na antropologia a partir de uma inspiração hermenêutica, eu não havia passado por uma situação na pesquisa, que de fato me pedisse uma reflexão maior das questões trazidas por esse tipo de abordagem.

O falecimento de uma curadora, uma das mais importantes informantes de minha pesquisa em Colares, suscita o interesse de várias pessoas pelo “livro”, como, por exemplo, pacientes seus e a sua própria família. Desse modo, o “acontecimento passado” será “consultado novamente”, neste caso, não por outros pesquisadores, mas pelos informantes, e o interesse destes em ter acesso ao que foi escrito, parece claro, pelo menos neste primeiro momento, ou seja, a morte de uma exímia curadora que se tornou bastante conhecida, seja pela sua habilidade, como é vista na ilha de pescadores no litoral paraense, ou pelos seus singulares “rituais e curas xamânicas”, como é pensada na cidade de Belém.

Geertz (2002), discutindo a relação entre o “eu e o outro” e o “eu e o texto” observa que:

“Para começo de conversa, descobrir onde se situar num texto do qual, ao mesmo tempo, espera-se que seja uma visão íntima e uma avaliação fria, é quase tão desafiador quanto chegar a essa visão e fazer a avaliação” (p. 22-28).

E, para complementar a sua discussão, utiliza dois exemplos, ou seja, um “texto etnográfico clássico” e outro recente, que, segundo ele, “recende à nervosa atualidade”. O último texto me interessa aqui mais particularmente, trata-se do “jovem etnógrafo Loring Danforth”. Geertz cita, do livro deste autor, a introdução, que tem como título “O Eu e o Outro”. Duas passagens são significativas para minhas reflexões neste capítulo:

... Todas as vezes em que assisti a rituais da morte na Grécia rural, tive aguda consciência de um sentimento paradoxal de distância e proximidade simultâneas, de alteridade e identidade pessoal.

(...) Quando o irmão do morto entrou no aposento, as mulheres (...) começaram a entoar um lamento sobre dois irmãos que eram violentamente separados quando se agarravam um ao outro, sentados nos galhos de uma árvore arrastada por uma enxurrada furiosa. Pensei em meu irmão e chorei. A distância entre o Eu e o Outro havia se tornado realmente pequena (Danforth, *apud* Geertz, 2002).

A experiência pela qual passei, como descrevo na etnografia, me trouxe sentimentos semelhantes ao de Danforth, assim, esse “sentimento paradoxal” de proximidade e distância, foi inevitável, pelo fato de eu estar participando (como amiga) e observando (como pesquisadora), talvez essa tenha sido a minha única “observação participante”, no seu sentido estrito do termo. Neste sentido, me situar entre “eu e o outro” estando “lá”, é tão complexo quanto me situar entre “eu e o texto” estando “aqui”. Estas questões se relacionam com a pergunta feita por seu Dirceu para mim, registrada acima: “Antropólogos não podem se tornar amigos das pessoas que pesquisam ou não pesquisam amigos?”. E que me levaram às minhas perguntas: afinal, seria errado tornar-se amiga de uma informante? E no que isso poderia interferir na coleta e análise dos dados? Ou seria, como bem observou Geertz (: 86), uma questão epistemológica e não moral?

A afirmação de Geertz me auxilia no sentido de que esta questão passa pela indagação de qual a melhor maneira de conduzirmos uma análise antropológica, ou seja, o que envolve o próprio entendimento antropológico, ao contrário de se discutir qual o “tipo de constituição psíquica é essencial para antropólogos”.

Wagner Silva (2000), em seu livro “O antropólogo e sua magia”, analisando trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras, observa que Malinowski, ao indagar-se sobre a natureza da etnografia, acabou associando a relação entre etnógrafo e “nativo” à “magia”, ressaltando ainda, que o mesmo nos ensina apenas “alguns de seus truques”.

A passagem da qual Malinowski nos fala sobre “seus truques” se refere, assim como Geertz (1997), à natureza do entendimento antropológico e instiga o leitor com a seguinte pergunta: “Qual é, então, esta magia do etnógrafo, com a qual ele consegue evocar o verdadeiro espírito dos nativos numa visão autêntica da vida tribal?” (1978: 26). Alguns “truques”, como observa Wagner Silva, seriam:

O antropólogo deveria passar longos períodos de convivência com os grupos estudados – se possível morar nas proximidades de suas casas -, acompanhar de perto suas atividades diárias, desde as mais triviais até as mais solenes, aprender a língua nativa evitando intérpretes tendenciosos, enfim, absorver os valores e sentimentos do grupo, observando cuidadosamente o que as pessoas fazem e dizem. (: 25).

Por outro lado, é interessante observar mais detalhadamente, neste sentido, a postura de Geertz (1997) em relação à análise antropológica:

Colocando a questão nestes termos, ou seja, indagando-se qual a melhor maneira de conduzir uma análise antropológica e de estruturar seus resultados, em vez de inquirir que tipo de constituição psíquica é essencial para antropólogos, torna-se o significado de ‘ver as coisas do ponto de vista dos nativos’ menos misterioso. Isto não significa que a questão fique mais fácil de responder, nem que a necessidade de perspicácia por parte do pesquisador de campo diminua. Para captar conceitos que, para outras pessoas, são de experiência-próxima, e fazê-lo de uma forma tão eficaz que nos permite estabelecer uma conexão esclarecedora com os conceitos de experiência-distante criados por teóricos para captar os elementos mais gerais da vida social, é, sem dúvida, uma tarefa tão delicada, embora um pouco menos misteriosa, que colocar-se ‘embaixo da pele do outro’. O *truque* (grifo meu) é não se deixar envolver por nenhum tipo de empatia espiritual interna com seus informantes. Como qualquer um de nós, eles também preferem considerar suas almas como suas e, de qualquer maneira, não vão estar muito interessados neste tipo de exercício. O que é importante é descobrir que diabos eles acham que estão fazendo (p.88 – 89).

### Considerando algumas questões

Fiz acima um relato sobre a minha entrada involuntária no campo, para mostrar que, através dos “imponderáveis da vida real”, passo por uma experiência que me fez defrontar com um tema, como observou Danforth (Geertz, *ibidem*), muitas vezes trivializado pelos antropólogos, ou seja, a importância universal da morte. A minha experiência de lidar com a morte é confrontada com as do grupo estudado, em que para alguns a “morte”, é uma “passagem, ascensão de um plano para outro”, daí a necessidade de um ritual “fechado” e um “aberto”.

Por outro lado, no meio deste confronto com o tema da importância universal da morte, está a problemática que me levou a escrever parte deste capítulo a partir de uma discussão, ainda tímida, de inspiração hermenêutica, mais especificamente no interpretativismo de Geertz. Desse modo, ao assumir o papel de pesquisadora, naquele contexto, designado pelo grupo estudado, surgem de forma mais enfática as questões levantadas e problematizadas por este autor sobre a complexa relação entre “pesquisador e pesquisado”, “objetividade e subjetividade”, que interferem na construção do texto antropológico. Dependendo da posição que o pesquisador se encontra na pesquisa, ou ainda, dependendo das experiências que ele vive no campo, estas questões são mais visíveis ou não.

Neste sentido, a minha tentativa, “aqui”, foi a de relatar a experiência de uma pesquisadora que se tornou amiga de uma exímia curadora, que posteriormente veio a falecer, ficando a cargo da “amiga – pesquisadora” observar e registrar os últimos dias de vida de uma das suas mais importantes informantes. O objetivo foi não apenas relatar, mas exercitar e problematizar questões que pretendo aprofundar posteriormente, dialogando com outros autores e fazer uma discussão mais ampla sobre narrativas etnográficas e a singular tarefa antropológica de se mover entre as incertezas do trabalho de campo.

## Referências

- CRAPANZANO, Vincent. *A cena: lançando sombra sobre o real*. In: Mana, Rio de Janeiro, vol. 11, nº 2, 2005: 357-383.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Nova Luz Sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. *Obras e Vidas: O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2002.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção “Os Pensadores”).
- MAUÉS, Raymundo Heraldo & VILLACORTA, Gisela. “Pajelança e Encantaria Amazônica”. In PRANDI, Reginaldo. (Org.). *Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- VILLACORTA, Gisela Macambira. *Rosa Azul: Uma xamã na metrópole da Amazônia*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, concentração em Antropologia). Belém: Universidade Federal do Pará, 2011.
- \_\_\_\_\_. *As mulheres do pássaro da noite: pajelança e feitiçaria na região do salgado*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS da UFPA, Belém, 2000.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*, São Paulo, Edusp, 2000.

Recebido em: 24/03/2015

Aprovado em: 13/06/2015